O reencantamento do mundo: a criação de imagens como superação da desinformação

Marcus Vinicius Pereira[1]

Resumo

Este artigo trata de uma proposta de superação do fenômeno da desinformação a partir da produção de imagens, articulando modelos analíticos de autores, como Max Weber, Achille Mbembe e Ronilso Pacheco, entre outros. A reflexão foi desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica, buscando conceitos e processos relacionados ao emprego da desinformação, a fim de proporcionar reflexão sobre o tema e possibilidades de abordagem com o objetivo de viabilizar possíveis e necessários enfrentamentos.

Palavras-chave: Comunicação antirracista. Hierarquias raciais. Mídia e população negra. Teologia Negra. Desinformação e genocídio.

Abstract

This article deals with a proposal to overcome the phenomenon of disinformation based on the production of images, articulating analytical models of authors such as Max Weber, Achille Mbembe and Ronilso Pacheco, among others. The reflection was developed through bibliographical research, seeking concepts and processes related to the use of disinformation, to provide reflection on the subject and possibilities of approach with the objective of enabling possible and necessary confrontations.

Keywords: Anti-racist communication. Racial hierarchies. Media and black population. Black Theology. Disinformation and genocide.

1 Mestrando do curso de Sociologia do programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGSOL) da Universidade de Brasília (UnB), MBA em *Data Science e Analytics* pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) da Universidade de São Paulo (USP), especialista em Gestão da Informação Digital pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP).

1. Introdução

Este artigo é uma tentativa de aproximar a Teologia Negra – conforme articulado em livro de título homônimo pelo teólogo, ativista e pastor Ronilso Pacheco – do que eu vou chamar de *reencanto do mundo*, que é uma forma de brincar com o modelo de *desencantamento do mundo*, de Max Weber. Segundo o sociólogo alemão, o mundo encantado – dos mitos de criação, das magias e outras formas ocultas que davam sentido à vida – foram deslocados para um plano de racionalidade e salvação por meio de Deus, um único deus salvador. Nesse desencantar, o mundo foi ordenado, organizado, metodizado, sistematizado, dando coerência à vida (WEBER, 2007).

A proposta, também, é dialogar com Marx e, conforme seu modelo analítico, a abstração do sentido de mercadoria (MARX, 1996), tendo essa abstração alcançado não só aquilo que pode ser produzido, mas a própria existência. Nesse caso, existir é estar em vida enquanto produção e produto. A etapa seguinte ao desencantar e, talvez, a um vaivém de encantos e desencantos ao qual a sociedade ocidental pode estar sujeita é a do reencantar ou aquilo que Mbembe aponta, em *Crítica da razão negra*, como um momento da história em que o "capitalismo e o animismo [...] tendem finalmente a se unir" (MBEMBE, 2018. p. 17).

No diálogo entre essas ideias, conceitos e perspectivas, pensar na produção de imagens como meio de superação e enfrentamento à desinformação – considerando que esse fenômeno é, ele próprio, um movimento de criação de imagens e invenção de possibilidades.

Como desinformação, será abordado neste artigo o esquema dos pesquisadores Claire Wardle e Hossein Derakhshan: situações nas quais houve a produção, a difusão e o consumo de notícias falsas ou nocivas – e de seu ecossistema – composto por conteúdos com contextos ou conexões falsos, enganosos, fraudulentos, fabricados, manipulados, satíricos, discursos de ódio, assédio ou vazamentos, distribuídos com ou sem intenção de dano (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017), o que ressalva que agentes de desinformação produzem conteúdo falso com intenção de dano, ainda que o público, em geral, possa compartilhá-lo sem essa mesma intenção.

Para além dessa elaboração, a desinformação compreende duas formatações: a algorítmica e a midiática. No primeiro caso, ela é resultado da coleta de dados dos usuários de *sites* e aplicativos de grandes empresas de tecnologia, que inferem estatisticamente gostos, crenças e desejos do público que navega pelos seus conteúdos e pelos de terceiros e, assim, promovem uma série de filtros de conteúdo.

A segunda tem a ver com a ideologia da comunicação dos grupos midiáticos e de pessoas ou organizações que emulam a forma de agir e pensar desses grupos. Como observa o jornalista e sociólogo Ignacio Ramonet, há um rebaixamento da qualidade da informação a partir do apelo

mercadológico inserido nas notícias ante a função social de esclarecer o público, por meio de um fenômeno que ele caracteriza como mimetismo midiático, quando uma mídia de referência impõe uma temática sobre todas as outras, e todas essas mídias superexcitam-se a respeito do tema, fazendo acreditar na centralidade do assunto imposto (RAMONET, 2007).

Ao considerar o cenário apresentado e o contexto histórico, os objetivos desta pesquisa são os de identificar e conceituar as tecnologias de desinformação, analisar os impactos para a população negra causados pela desordem da informação e apontar caminhos de enfrentamento e superação desse fenômeno.

A chave deste trabalho é a pergunta: em uma sociedade que já não é capaz de dar conta do que é real ou, pelo menos, do que é importante, como criar possibilidades "em meio às ondas e às correntezas"?

2. O desencanto

Antes de aprofundar em como o fenômeno da desinformação se desenrola, é necessário elaborar um pensamento a respeito do modelo sobre o qual a sociedade ocidental é organizada, a partir de Weber. Quando o sociólogo alemão discorre sobre o "espírito do capitalismo", ele aponta como doutrinas cristãs protestantes influenciaram decisivamente a conduta ética do capitalismo moderno. Esse movimento é tido pelo sociólogo alemão como a conclusão do desencanto do mundo, "que teve início com as profecias do judaísmo antigo e [...] repudiava como superstição e sacrilégio todos os meios mágicos de busca da salvação" (WEBER, 2007, p. 96).

A partir desse momento, a salvação de dá na ação intramundana, *neste* mundo e não em *outro*, mas não *para este* mundo e, sim, para Deus. Essa ação não era realizada aleatoriamente, mas de forma metódica, planificada. Toda conduta estava dentro de um projeto maior e racional de organização da vida, "sempre alerta, consciente, clara, [...]; eliminar a espontaneidade do gozo impulsivo da vida, a missão mais urgente; botar ordem na conduta de vida de seus seguidores" (WEBER, 2007, p. 108).

O sucesso alcançado *neste mundo* é uma forma de glorificar a Deus. Dessa maneira, aquele que trabalha atua em função do negócio, não o contrário. Essa perspectiva está de acordo com os desígnios de ordem da vida *neste plano*, e, a partir disso, o trabalhador torna-se um dos escolhidos, merecedor da graça da salvação. Encontra-se aí a "virada de chave "da modernidade para o problema ético de outras correntes cristãs com a concentração de lucros – dado que um indivíduo glorifica a Deus por meio do seu trabalho, tanto importa a quantidade de lucro que ele obtém, contanto que o sucesso seja seu norteador.

A virada também diz respeito ao tempo de fruição. O desencanto se dá não só pela racionalização da organização da vida, mas pela racionalização do uso do tempo em razão do dinheiro. Perder tempo também é perder dinheiro, logo, a ética cristã protestante "se volta com força total principalmente contra uma coisa: o *gozo descontraído* da existência e do que ela tem a oferecer em alegria" (WEBER, 2007, p. 108). Assim, o capitalismo moderno tem a diretriz ética para seu desenvolvimento, o seu "espírito" condutor, que organiza a vida, mas também sistematiza o mundo, a ciência e a tecnologia.

Agora, é crucial aprofundar a respeito da desinformação. Pensa-se legitimamente que ela é uma construção maior e mais complexa do que as duas formatações aqui recortadas, algorítmica e midiática, dão conta. Mas, nesses dois formatos, a constituição da desinformação também atende a esse aspecto do mundo desencantado. Uma vez que as tecnologias da imprensa e da internet foram desenvolvidas, foi necessário botar ordem na informação.

A imprensa e depois a curadoria algorítmica, de acordo com o que é proposto neste trabalho, surgem para organizar a informação, mais do que para informar. Ou seja, o aspecto central que fundamenta o desenvolvimento e o uso dessas tecnologias está menos na sua função social – que está em disputa – e, sim, no seu sentido organizador, esquemático, metódico do mundo desencantado. São exemplos de tecnologias que atendem aos propósitos dos donos do poder para os próprios donos do poder contra seus espoliados, a fim de obter ganhos em termos de tempo e lucro.

Uma vez que a imprensa, em seus diversos suportes midiáticos, perdeu seu poder com o advento da internet, mais precisamente da *World Wide Web*, era necessário sobrepor a tecnologia ultrapassada com a nova, daí a necessidade da curadoria algorítmica. Com o esquema organizador da mídia e dos algoritmos atuando em conjunto, a superabundância de informações produzida na sociedade ocidental foi canalizada e concentrada, de forma que diferentes grupos de pessoas passam a ter acesso a diferentes fluxos de informação, que eventualmente se cruzam, mas não conversam.

O que se observa agora, com a junção da desinformação algorítmica e midiática, é que o debate público foi inundado por lugares comuns, sensacionalismo, a defesa do justiçamento, a pulsão por morte, o discurso de ódio, qualquer coisa que seja capaz de gerar nas pessoas algum tipo de emoção violenta além de cliques, ainda que esses estímulos sejam personalizados para cada pessoa. Um ambiente perfeito para a concentração de diferentes ideologias em bolhas, reforçando, assim, visões fundamentalistas ou mesmo extremistas.

A desinformação mobiliza moralmente a sociedade, colocando o debate público sob um viés maniqueísta no qual o que importa não é a afinidade ideológica com um programa político,

mas se as pessoas estão alinhadas e agem de acordo com preceitos fundamentados em uma suposta ética cristã. Líderes religiosos, como Silas Malafaia, Marco Feliciano, André Valadão e Edir Macedo, são alguns dos exemplos de vozes por meio das quais ecoa essa ideologia pelo Brasil. Como já havia observado o sociólogo espanhol Castells, o "fundamentalismo religioso [...] provavelmente é a maior força de segurança pessoal e mobilização coletiva nestes anos conturbados" (CASTELLS, 1999, p. 23).

Importante observar que esses líderes não representam a diversidade de ideias dentro do protestantismo brasileiro. Mas, como são algumas das vozes mais reproduzidas, dentro dos círculos cristãos ou fora deles, acabam dando a falsa percepção – desinformação – de que são eles os pilares do cristianismo no País.

A centralidade e o poder político forjados dessas lideranças afetam a conduta das pessoas inseridas no contexto da doutrina protestante e acabam por influenciar nos debates e nos projetos de poder. O fundamentalismo e o extremismo ganham força nesse cenário porque as "bolhas algorítmicas" acentuam e reforçam uma forma de pensar o mundo que não está disposta – porque é contra a própria essência – a se abrir para a diversidade de ideias.

O pastor, teólogo e cientista social Henrique Vieira explora como o fundamentalismo opera "com o conceito de verdade absoluta, inquestionável, eterna, imutável e para além da história" (VIEIRA, 2018. p. 92). Aquilo que está expresso na Bíblia não pode ser colocado em dúvida, porque isso equivale a duvidar da palavra de Deus. Daí, com a interpretação bíblica feita a partir dos esquemas propostos por líderes religiosos sem contextualização e abertura para diferentes interpretações, é construído um modelo de existência que não está aberto ao diálogo e ao controverso, além de produzir injustiças e violências em nome de Deus.

Esse esquema também promove a "a articulação entre culpa e medo, a partir de uma perspectiva de rigidez comportamental" (VIEIRA, 2018, p. 93). Diante disso, defender pautas – como as de descriminalização das drogas e do aborto, as antirracistas e contra a violência contra mulheres, pessoas LGBTQIA+, indígenas e quilombolas –, pela promoção de justiça social e de direitos humanos e a favor de políticas de reforma agrária e de programas de ação afirmativa, – são vistas como formas de mobilização dessa culpa e medo, uma vez que são temas políticos que vão contra a interpretação bíblica – tida como a manifestação da Vontade – de algumas lideranças religiosas. Elas localizam-se na outra ponta de visão de mundo, pautas de defesa da criminalidade, de formas de conduta não aprovadas por Deus. Esse corpo atravessado pela culpa e pelo medo é incapaz de tolerar, respeitar ou dialogar com diferentes formas de interpretar a vida e o mundo.

Há uma diferença importante entre fundamentalismo e extremismo observada por Henrique Vieira. Segundo ele, embora extremismo e fundamentalismo sejam promotores da intolerância,

"o extremismo tem a singularidade de se converter em práticas e atitudes de agressão, além da busca pela retirada de direitos dos setores considerados inimigos" (VIEIRA, 20185, p. 93).

Reside nesse ponto a forma de ecoar discursos extremistas, sejam os propriamente ditos por lideranças religiosas, sejam aqueles que estão alinhados a uma forma de pensar que justifica violências de Estado na prática de extermínios, como as realizadas em chacinas policiais contra "bandidos", ainda que ela seja falsa, contanto que ela atenda ao propósito de superar um mal maior (MENDONÇA; DOMINGUES, 2022). Tanto importa se o assassinado era ou não um bandido, não há pena de morte no Brasil. Todavia, no plano narrativo, o extermínio é naturalizado quando as manchetes vendem que uma operação policial resultou em tantas mortes porque os assassinados eram "bandidos".

Diante do aspecto ideológico dessa abordagem, é necessário questionar concepções advindas de escolas de comunicação que defendem uma suposta objetividade, neutralidade ou isenção jornalística, e que colocam essa atividade como a redentora para o cenário de desordem informacional.

Houve uma série de iniciativas independentes ou na mídia corporativa de checadores de fatos, o que resultou na criação de falsas checagens, erros de checagem ou disputa narrativa sobre o que é considerado verdadeiro ou falso (NALON, 2019). O jornalismo terá de lidar em seu horizonte sobre como ele tratará, enquanto notícia, dos diferentes fluxos informacionais, das disputas e da construção social da verdade (CASTELLS, 2018).

Para além disso, é essencial refletir sobre como os fluxos informacionais são determinados por tecnologias vendidas como neutras (FREITAS; CAPIBERIBE; MONTENEGRO, 2020) como se as técnicas, as ferramentas, os dados coletados e a informação compartilhada não estivessem sob vieses de quem os produz e retroalimenta, e como se os cenários de agenciamento para a regulação das tecnologias não fossem novos ambientes de exclusão (FREITAS, 2016).

A comunicação social que ainda acredita em verdades absolutas incorre no mesmo problema paradigmático dos fundamentalistas e extremistas. Isso também é uma questão de fé, imposta pela mídia hegemônica e corporativa do Brasil e que é refletida na ausência de diversidade de suas redações (GRUPO, 2021).

Tendo em vista que as religiões dos líderes extremistas são, no seu contexto, entre seguidores e pessoas que estão no território – espacial ou de influência – formado por uma maioria negra que está descoberta de informação democratizada, pautada no mimetismo midiático e na curadoria algorítmica, o que se acaba presenciando em termos discursivos e políticos é a validação do extermínio e grande encarceramento contra a população negra (BOTTINO; VARGAS; PRATES, 2023) por meio das tecnologias de desinformação produzidas pelo mundo desencantado.

3. A insubmissão

Pensar a condição negra na modernidade, no Brasil e na sociedade ocidental, e as próprias noções de raça é, de certa maneira, pensar a desinformação para além das formatações midiáticas e algorítmicas. Quero dizer que a própria maneira de racionalização da vida do mundo desencantado prescindia de esquemas de organização das pessoas que trabalham no sistema capitalista, a fim de separar quem é humano (europeu) de quem não é (não europeu). E esse esquema – desinformativo – contemplava a separação da humanidade em diferentes tipos de pessoas – raças. A desinformação é, nesse sentido, não uma característica isolada, mas o aspecto estruturante do sistema racial do mundo desencantado.

Mbembe observa três grandes movimentos históricos que podem explicar a modernidade, momentos que, inclusive, se sobrepuseram. Dos séculos 15 ao 19, a "espoliação organizada" por europeus de africanas e africanos, sequestrados, escravizados e transformados em mercadoria. O segundo, a partir do século 18, está relacionado à constituição de linguagens e estatutos pelas pessoas escravizadas, que acabaram por articular movimentos de revolta, independência, descolonização e lutas antirracistas (MBEMBE, 2018).

O último e atual momento, iniciado no século 21, é caracterizado "tanto pela produção da indiferença, a paranoica codificação da vida social em normas, categorias e números, quanto por diversas operações de abstração que pretendem racionalizar o mundo a partir de lógicas empresariais" (MBEMBE, 2018, p. 15). Esse é o momento em que o indivíduo se torna coisa ou fluxo, e a condição da pessoa negra é universalizada a todos os indivíduos espoliados, em um mundo onde as fronteiras do real e da ficção estão em constante transformação a partir da produção de imagens. Este é, de acordo com o esquema de Mbembe, o "devir-negro do mundo" (MBEMBE, 2018, p. 20). A razão negra, para o filósofo camaronês, é a composição de imagens a respeito do negro e da raça, ou do *outro*, sob a ótica daquele que fora espoliador, depois colonizador e agora empresário neoliberal. Esse sistema é constituído por narrativas e discursos que produzem uma fábula de animalização do *outro*.

Agora, exploram-se os múltiplos sentidos de animismo para Mbembe. Para o filósofo, esse conceito estaria relacionado com as fabulações e refabulações a respeito do negro enquanto o *outro*, mas, ainda, diz respeito à virtualização das relações a partir da codificação e coisificação da vida. Para além, pode ser interpretado como uma volta à magia, dada a partir do século 20.

Talvez isso fique mais claro quando o autor comenta o interesse pela arte africana e pelo jazz, ao afirmá-los como "um possível retorno às origens, graças à qual forças adormecidas poderiam ser despertadas, os mitos e os rituais reinventados, a tradição redirecionada ou solapada e a inversão do tempo consumada" (MBEMBE, 2018, p. 84). Pedindo licença a Mbembe para usar exemplos

brasileiros, pode-se dizer que é sob esse mesmo prisma que o samba, a capoeira, a feijoada, as danças e ritos de cultos afro-brasileiros são reinterpretados por mentes anticoloniais no país, principalmente a partir dos anos 1930.

Ocorre que o mundo desencantado não renuncia ao tempo do espoliado. Então, articular a rejeição ou apropriação desse retorno às origens é uma das receitas do "espírito capitalista". Tem-se, assim, o tratamento de manifestações culturais afro-brasileiras sendo expropriadas de seu contexto, ou mesmo marginalizadas, repudiadas, aterrorizadas. Essas manifestações culturais descontextualizadas, tidas como exemplo de uma suposta paz racial no Brasil, deram espaço ao mito – desinformação – de que temos uma "democracia racial" (NASCIMENTO, 1978).

Entender a desinformação, nos termos deste trabalho, é compreendê-la como um aspecto estruturante do racismo, e o ganho de escala dela nos últimos anos como um avanço tecnológico com destino ao Devir-negro do mundo. Entender o racismo em função da desinformação é compreendê-lo como uma produção narrativa dos espoliadores brancos contra corpos negros na tentativa de subalternizá-los.

A oposição a esse movimento é a criação de cenários, possibilidades, caminhos que possam ser percorridos nas bifurcações de diferentes encruzilhadas, embarcações que possam navegar por diferentes rios ou rotas marítimas, aproveitando o próprio desenho de rede da internet e suas implicações no mundo físico (FREITAS, 2020).

É a criação de imagens que escapem aos esquemas narrativos de dominação branca. É colocar a razão negra, o Devir-negro do mundo, como a história insubmissa. Enfrentar a desinformação é, entre outras possibilidades, produzir imagens insubmissas como as lágrimas das mulheres, como pensou a literata Conceição Evaristo sobre o correr indisciplinado das lágrimas no momento de dor como expressão de uma força subversiva (EVARISTO, 2011).

4. O cérebro eletrônico

A sociedade ocidental, ao mesmo tempo em que aumenta seu arcabouço científico de explicação do mundo e de problematização da vida, é cada vez menos capaz de entender os efeitos subjacentes de suas produções e elaborações. Já há entendimento de que a ação humana influenciou de tal maneira o ecossistema da Terra que se pode denominar o tempo em que vivemos como antropoceno, ou seja, uma era geológica cujo clima é influenciado pela espécie humana ou, mais precisamente, por homens brancos (DANOWSKI, 2014).

Mas, para além disso, são poucas as pessoas capazes de interpretar fenômenos da natureza, como as maiores e menores coisas do universo operam ou, até mesmo, os pressupostos mais básicos. A teoria da relatividade de Einstein é incompreensível para muitos. Assim como também o são o mecanismo de funcionamento de um celular, ou como construir chapas de metal, tábuas de madeira, a maneira correta de martelar um prego, produzir fogo ou, até mesmo, fritar um ovo. A ignorância sobre os conhecimentos complexos ou básicos é fruto de um cenário em que o indivíduo é alienado, mais a mais, de sua própria produção.

À medida que esse conhecimento científico acumulado se complexifica e novas tecnologias são inventadas, as equações algorítmicas e os saberes da média da população em geral se distanciam. Esse distanciamento cresce de forma exponencial de tal forma que, intelectualmente incapaz de entender como e porque as coisas – natureza e tecnologias – funcionam e porque realiza as funções mais básicas de sua vida cotidiana, a compreensão do mundo torna-se tão indecifrável para uma pessoa a ponto de que caberá a ela recorrer novamente aos antigos deuses, magias, bruxas e mitos de criação. O desencantamento, então, dá lugar ao reencantamento, e novamente há um deslocamento de sentidos para se explicar a vida e o mundo.

Uma elaboração audiovisual de mundo reencantado, da forma como proponho, é a série Matrix. Composta por quatro filmes e a minissérie Animatrix, a obra é dirigida e roteirizada pelas irmãs Lily e Lana Wachowski, narrando a jornada de herói do personagem Neo, um programador que descobre que o mundo é um simulacro criado e operado por máquinas e programas de computador.

As máquinas substituíram a humanidade no controle da Terra, exercendo suas atividades para garantir a própria continuidade e subsistência. A humanidade, nessa distopia, vive em sono induzido neste simulacro, enquanto na realidade física seus corpos se transformaram em baterias para as próprias máquinas.

Entre aqueles que conseguiram acordar do sono induzido, é fundada uma cidade que reúne indivíduos que almejam a libertação, mas precisam viver escondidos no subterrâneo para não serem capturados pelas máquinas. A cidade de Zion é o refúgio desses corpos insones, mas presos a uma realidade fria, insípida e sufocante, ao ponto de, entre eles, alguns preferirem voltar ao sono em simulacro.

O mundo que é criado por esses programas dá nome à série de filmes Matrix. Nessa dimensão alternativa, os humanos despertos podem voltar à simulação *hackeando* as suas entradas e saídas. Ao invadir e ocupar o simulacro, as habilidades e capacidades humanas não respeitam mais a física e química das coisas materiais, sendo seus corpos na Matrix capazes de aprender artes marciais com a simples introdução, no ambiente virtual, de programas emuladores desse

conhecimento. Por meio desses programas, o herói Neo torna-se hábil e capaz de enfrentar tanto os programas de computador que ordenam e organizam a Matrix, quanto as máquinas que controlam o mundo físico.

Há duas figuras interessantes, do ponto de vista da reflexão proposta neste artigo, programas de computador que contribuem para a compreensão das dimensões físicas e algorítmicas que perpassam as existências de humanos e máquinas: Arquiteto e Oráculo (MATRIX, 2003). O Arquiteto, representado por um homem branco, é a alegoria da racionalidade técnica, a perfeição matemática e estatística, em que tudo pode ser quantificado, calculado e explicado. Oráculo, por sua vez, é uma mulher negra, representa a intuição, as subjetividades, uma camada além da matéria. Ambos têm uma compreensão do tempo passado, presente e futuro. O Arquiteto por meio da razão. O Oráculo por meio da fé.

É confiando sempre nas orientações e previsões de Oráculo que os humanos despertos, rebelados contra as máquinas, acreditam em sua insurreição e vitória. Por meio dessa fé, encontram o seu herói, Neo. A fé é um paradigma importante para a construção da jornada daquelas pessoas, do ponto de vista tecnológico, como superação da realidade, porque racionalmente não seria possível se levantar e enfrentar as máquinas. Com a razão, a derrota é certa, mas com a fé, ainda há possibilidade de existência porque a vitória, nesses termos, não é passível de ser calculada, quantificada.

Tratando ainda da relação humano-máquina, Gilberto Gil lança em, 1969, a canção *Cérebro Eletrônico* (CÉREBRO ELETRÔNICO, 1969), em álbum homônimo. A composição é criada por Gil quando ele vivia em exílio por conta da ditadura militar no Brasil. No ano de composição, não se fazia ainda ideia do que viria a acontecer mais de 40 anos depois em termos de evolução tecnológica das máquinas de contar. Computadores, depois celulares e agora qualquer dispositivo conectado à internet podem ser capazes de ler, interpretar, codificar e dar sentido à vida humana. Neste momento, matematicamente e estatisticamente, um dispositivo conectado é mais habilitado a explicar os comportamentos de uma pessoa do que ela própria.

No mundo que opera segunda a lógica da função, produção e utilidade, sendo esta pessoa incapaz de explicar a si mesma, qual o sentido de sua existência? Gilberto Gil reflete sobre uma possibilidade, para além das operações matemáticas. A dos sentidos, sentir enquanto dimensão emocional e corporal, não como explicação racional.

Sentir, para Gil, é uma forma de existir para além dos limites impostos pelo cérebro eletrônico, que manda e desmanda, mas é incapaz de sentir, chorar, decididamente viver e, por isso mesmo, morrer. Ao cérebro eletrônico, sem vida e sem morte, não há sentido, como proposto por Gil, o que torna a sua existência incompleta, insuficiente. Ao cérebro eletrônico falta um propósito que

o tornará, mais cedo ou mais tarde, obsoleto e desnecessário, inclusive, para si mesmo. Ao fim e aos fins, persistindo as coisas como estão, só fará sentido o sentir, e nada mais.

Também articulando com a ideia de fim e fins, Nelson Cavaquinho e Élcio Soares descomplexificam a vida em duas dimensões, a do bem e a do mal, que aqui traduzo para o bem viver e o mal viver. De referências bíblicas, a canção *Juízo Final* (JUÍZO FINAL, 1973) traça um momento apocalíptico, em que somente restará a redenção, porque uma vez que o mal viver se completa, tal qual uma estrela esgota seu combustível, não resta espaço para nada além do bem-viver, uma nova estrela a se expandir e brilhar.

É a partir do relato de experiências de pessoas que atravessaram caminhos de um mundo embrutecido e violento, que se inventam as trajetórias negras de libertação, nas histórias e artes inspiradoras contadas de geração após geração. Assim, novamente, na persistência das coisas como estão, uma fase de esperanças renovadas se inicia, em que o sol brilhará mais uma vez e a luz chegará aos corações.

5. O Cais

Inventar o cais foi a forma como Milton Nascimento e seu parceiro na composição de Cais, Ronaldo Bastos, pensaram um modelo de superação. Ele estava inserido na própria realidade, mas também escapava dela. Tal qual um sonho, real ou imaginário, que pode ser uma esperança e expectativa ou mesmo uma manifestação inconsciente durante o sono.

Incluída no álbum Clube da Esquina, de 1972, *Cais* também foi composta no contexto da ditatura militar – que limitava e militava contra as possibilidades de justiça social. O golpe foi imposto ao Brasil e outros países da região por meio da força, da tortura, dos silenciamentos, das violências e dos assassinatos. Em seus versos, a canção cria a imagem do cais, tanto pela letra quanto pelo arranjo musical, que emula a água batendo no casco de uma embarcação, como um ponto de fuga e partida, em que seria possível se lançar ao mar, ao amor e aos sonhos (CAIS, 1972).

No movimento oposto, *Segunda Vinda*, de Alexandre Basa e Black Alien – nascido no mesmo ano de lançamento do Clube da Esquina, em 1972 –, alerta para a necessidade de retorno ao cais, diante da previsão do tempo de "tempestades sinistras e temporais" (NA SEGUNDA VINDA, 2004, faixa 9). Há igualmente um sinal de superação que estava submetida à realidade, e que também escapava dela.

Do álbum *Babylon by Gus*, de 2004, o contexto nesse momento é o de terrorismo e islamofobia no Ocidente e, no Brasil, a ascensão da esquerda ao poder em um cenário de crise energética e

econômica. O isolamento do indivíduo, que fora relatado em *Cais*, é novamente descortinado em *Segunda Vinda* por Black Alien, ele próprio lidando com o uso abusivo de drogas. O escape, nesse momento, químico ou natural, tem a ver com a própria drogadização, mas também com o time campeão, a escola de samba na avenida ou, ainda, a segunda vinda, que significa o retorno de Jesus.

A diferença de movimentos representa para Milton e Bastos a possibilidade de partir em sonho, e para Black Alien, um meio de estar inteiro e agir conscientemente diante da realidade, muitas vezes dolorosa no corpo, na mente e na alma. Embora apresentem direções opostas, as duas músicas sobrepostas são uma forma de elaboração de conduta em espera e em ação, simultaneamente, no contexto de uma construção imagética: a do cais, enquanto ponto de partida e de retorno, principalmente em relação aos corpos negros de africanas e africanos sequestrados que chegavam aqui no Brasil e partiam pelo Atlântico negro (GILROY, 2012). São, dessa forma, um relato de experiência emancipadora com reverência à experiência ancestral.

É no movimento de ficar e partir, de ser e estar em movimento, circulando, que se pode pensar numa "pelintragem", da figura do Malandro, o Seu Zé Pelintra, das religiões afro-brasileiras, forjando frestas e abrindo caminhos diante das encruzilhadas que se apresentam. O reencanto do mundo a partir do próprio contexto da população negra do Brasil, enegrecendo a teologia, as tecnologias e a produção de imagens.

É necessário compreender que a produção de imagens se dá, dentro da doutrina cristã protestante, a partir do culto e da glorificação de Deus, mediada pela Bíblia. A imagem que deve ser cultuada é a Dele, somente, e a produção de imagens aqui *imaginada* é a de Deus, no diálogo protestante, ou da imagem sacralizada, levando para o cristianismo católico. É necessário, em termos do que estou propondo como reencanto, *imaginar* uma interpretação bíblica racializada, como teorizado pelo pastor, teólogo e ativista fluminense Ronilso Pacheco e afirmado no título da sua obra de referência, *A teologia negra*.

Imaginar a organização da vida a partir de uma teologia negra significa compreender os ensinamentos bíblicos como um testemunho dos espoliados, considerando o êxodo, a fuga pelo deserto, como o contexto central dessa experiência, sendo esta – a experiência – não as estruturas, o fundamento dessa organização de pensar e agir na religião, na política, no mundo, por meio da palavra de Deus (PACHECO, 2019).

O "espírito capitalista", então, dá lugar ao "sopro antirracista do Espírito". *Imaginado* por Ronilso Pacheco, trata-se de um Espírito que "nunca abandonou a história material do povo negro à revelia do que a historiografia oficial, e a "teologia oficial", tenham feito acreditar ao longo dos séculos" (PACHECO, 2019, p. 15). Esta é, portanto, uma contraposição à ideia de universalidade

da teologia eurocêntrica e, dialogando com Mbembe, da universalização da condição negra – enquanto espoliado, racializado e desumanizado – dos marginalizados.

Imaginar, ainda, a organização da vida por meio da articulação de um povo por seu território, sua raiz, formação e identidade; deslocar a Europa do lugar central, substituindo-a por diferentes perspectivas não centrais; localizar a memória e a vivência de quem testemunha como sendo as normas que orientam as condutas; valorizar o corpo – e a sua salvação – sem diminuí-lo em detrimento da alma; estar em diálogo com diferentes perspectivas de fé em comum – cosmovisões – libertárias e antirracistas (PACHECO, 2019).

Imaginar, enfim, a organização da vida a partir da travessia, estando em movimento pelo mundo, para *este* mundo, para *outro* mundo: o de Deus e o que nós sonhamos por meio Dele.

6. Conclusão

Entender como a construção de imagens em discursos e narrativas dão conta de como as pessoas constroem o seu entendimento de mundo e organizam as suas vidas é um movimento importante do processo deste trabalho, tentando compreender de que maneira a desinformação é articulada pelo poder contra um povo, e como a possibilidade de libertação desse mesmo povo se alicerça na construção de imagens, tal qual o fenômeno do qual ela é vítima, mas, diferentemente, como subversão, apoiada sobre a experiência daqueles que viveram, lutaram e escaparam da lógica da morte, trazendo a sua história como uma possibilidade de vencer *em* e *por meio* da vida.

7. Referências

BOTTINO, T.; VARGAS, D.; PRATES, F. (Coord.). **Segurança Pública na era do Big Data**: mapeamento e diagnóstico da implementação de novas tecnologias no combate à criminalidade. Rio de Janeiro: FGV Direito Rio, 2023.

CAIS. Intérprete: Milton Nascimento e Lô Borges. **Compositor**: Milton Nascimento e Ronaldo Bastos. In: CLUBE da esquina. Rio de Janeiro: EMI, 1972. 1 disco vinil, lado A, faixa 2 (2 min).

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M. **Ruptura:** a crise da democracia liberal. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CÉREBRO eletrônico. Intérprete: Gilberto Gil. Compositor: Gilberto Gil. In: GILBERTO Gil. Rio de Janeiro: Philips Records, 1969. 1 disco vinil, lado A, faixa 1 (3 min).

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

DANOWSKI, Déborah e Eduardo Viveiros de Castro. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins.** Desterro: Instituto Socioambiental /Cultura e Barbárie, 2014.

FREITAS, C. S. Implicações da e-participação para a democracia na América Latina e Caribe. **Revista Contracampo**, p. 1-16, 2020.

FREITAS, C. S. Mecanismos de Dominação Simbólica nas Redes de Participação Política Digital. *In:* SILVA, S.; BRAGATOO, R.; SAMPAIO, R. **Democracia Digital, Comunicação Política e Redes:** teoria e prática. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2016.

FREITAS, C. S.; CAPIBERIBE, L.; MONTENEGRO, L. Governança Tecnopolítica: Biopoder e Democracia em Tempos de Pandemia. **Revista NAU**, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/nausocial/article/view/36637. Acesso em: 21 dez. 2023.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**. São Paulo: Editora 34, 2012.

GRUPO de estudos multidisciplinares de ação afirmativa, 2021. Disponível em: https://gemaa.iesp.uerj.br/infografico/jornalismo-brasileiro-raca-e-genero-de-quem-escreve-nos-principais-jornais-do-pais/. Acesso em: 21 dez. 2023.

JUÍZO FINAL. Intérprete: Nelson Cavaquinho. Compositor: Élcio Soares e Nelson Cavaquinho. *In:* NELSON Cavaquinho. Rio de Janeiro: Odeon, 1973. 1 disco vinil, lado A, faixa 1 (3 min).

MARX, Karl. **O capital.** São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MATRIX reloaded. Direção: Lily Wachowski; Lana Wachowski. Produção: Silver, Joel. Roteiro: Lily Wachowski e Lana Wachowski. EUA: Columbia Pictures. 2003. 1 DVD (138 min).

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MENDONÇA, R.; DOMINGUES, L. Fake News e o Repertório Contemporâneo de Ação Política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 37, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/fh7HVMWfMVgz95W5tDGmtHk/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 21 dez. 2023.

NA SEGUNDA VINDA. Intérprete: Black Alien. Compositor: Alexandre Basa e Black Alien. In: BABYLON by Gus volume 1 – o ano do macaco. Intérprete: Black Alien. Rio de Janeiro: Deckdisc, 2004. CD, faixa 9 (4 min).

NALON, Tai. Como um clone do Aos Fatos esconde uma rede articulada de grandes sites de fake news. **Aos Fatos**, Rio de Janeiro, 13 fev. 2019. Disponível em: https://aosfatos.org/noticias/como-um-clone-do-aos-fatos-esconde-uma-rede-articulada-de-grandes-sites-de-fake-news/. Acesso em: 13 fev. 2019.

NASCIMENTO, Abdias**. O genocídio do negro brasileiro, processo de um racismo mascarado.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

PACHECO, Ronilso. **Teologia negra**: o sopro antirracista do Espírito. Brasília: Novos Diálogos; São Paulo: Editora Recriar, 2019.

RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

VIEIRA, Henrique. Fundamentalismo e extremismo não esgotam experiência do sagrado nas religiões. *In:* GALLEGO, Esther Solano. **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking**. Strasbourg: Council ou Europe, 2017. Disponível em: https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-researc/168076277c. Acesso em: 25 out. 2018.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.